

## Histórias de vida no jornalismo alternativo brasileiro

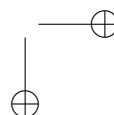
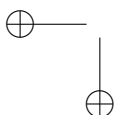
Aline Strelow

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

E-mail: [alinestrelow@terra.com.br](mailto:alinestrelow@terra.com.br)

**P**ESQUISAR a história da imprensa alternativa no Brasil é enredar-se em uma teia de informações, por vezes desconexas, que teimam em transformar a investigação em um quebra-cabeças inacabado. Essa sensação decorre, em grande parte, da escassez de documentos e de bibliografia organizada sobre o tema. Temos trabalhos excelentes sobre o assunto, como a obra já consagrada de Bernardo Kucinski, mas a experiência alternativa do Brasil ainda está por ser desvendada.

Estudar a imprensa alternativa no Rio Grande do Sul apresenta-se como um desafio ainda maior. Usualmente, quando se fala sobre o tema em nível nacional, costuma-se dizer que a experiência alternativa nesse estado foi pálida em relação ao resto do país. Em minha dissertação de mestrado, que tem como objeto de estudo o semanário *Pato Macho*, publicado em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, em 1971, procurei mostrar que, apesar de longe dos principais centros de decisão política e econômica, a produção de veículos de cunho alternativo, no estado, foi uma constante durante o regime militar. Ao todo, foram levantadas 18 publicações nessa linha e muitas outras devem ter existido. Dos jornais encontrados, *Pato Macho* é o único em que predomina o humor. Entre os demais, 11 são essencialmente políticos, dois de reportagem, dois culturais, um anarquista e um feminista. Nesse trabalho, tenho, como paradigma, o método histórico, que prevê a utilização de depoimentos vivos quando estes não podem ser obtidos através de registros escritos. Do mesmo modo, para uma investigação mais completa, cruzo história oral e análise de conteúdo, como propõe Paul Thompson (1992, p.304). Neste artigo, proponho a discussão da *história oral* para o desenho mais preciso da trajetória do jornalismo alternativo.



## Registros da memória

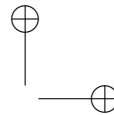
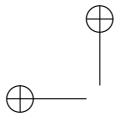
A história da imprensa alternativa no Rio Grande do Sul confunde-se com as histórias de vida de seus militantes. Seus registros mais profícuos encontram-se na memória dos homens e mulheres que se dedicaram a essa empreitada, acreditaram em uma alternativa à grande imprensa no período de exceção, em um jornalismo apaixonado, e, na maioria das vezes, não eram remunerados por isso.

Quando se pesquisa a imprensa dos *anos de chumbo*, especialmente a imprensa alternativa, a história oral apresenta-se como uma técnica muito eficaz. Através dela, vivências sem registro em documentos escritos podem vir à tona. Ela oferece espaço para as palavras caladas pela censura, dando sentido social às experiências vividas sob essa circunstância. "Como técnica, a história oral é um processo subjacente a outras metodologias que a admitem como um recurso a mais", explica Meihy (1996, p.20).

A questão da verdade nessa técnica depende, conforme Meihy (1996), exclusivamente de quem dá o depoimento. Uma de suas características é dar dimensão a aspectos pouco relevados pela percepção de outros registros: sonhos, expectativas, frustrações e fantasias. Alistair Thompson (1995) enfatiza que, ao recordar fatos do passado, o depoente procura um relato coerente com seu bem-estar, deixando de lado, muitas vezes, passagens mais traumáticas. Ou seja, o depoimento está sempre suscetível a mudanças, dependendo da ótica de quem o recorda. É tarefa do entrevistador tentar descobrir e elaborar estas questões, para melhor compreender a trajetória de vida investigada.

### *A patota*

A história oral pode ser feita com uma pessoa, algumas ou um grande número de narradores. Neste trabalho, foi entrevistado um pequeno grupo de pessoas, mas muito representativo em relação ao objeto de pesquisa, o *Pato Macho*. A escolha dos nomes foi feita através de uma conversa com Luis Fernando Verissimo, um dos idealizadores e editor na primeira fase do jornal. O objetivo da seleção foi, em primeiro lugar, contemplar participantes ativos do periódico, o que só foi possível detectar a partir do depoimento de Verissimo. Vale lembrar que essa técnica se preocupa com as versões individuais sobre



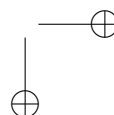
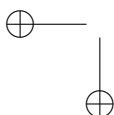
cada fenômeno e que ela apenas se justifica em razão da soma de argumentos que caracterizam a experiência em conjunto. Cada depoimento tem um peso autônomo. Por isso, as entrevistas foram individuais, para que as recordações de um depoente não interferissem ou reprimissem a narração de outro.

Para que a técnica da história oral trouxesse resultados realmente satisfatórios e condizentes com a realidade, as entrevistas foram trabalhadas a partir de tópicos temáticos. Isto porque questionários ou perguntas diretivas, compostos de maneira estandardizada, tendem a direcionar as respostas do depoente e, muitas vezes, acabam delimitando o âmbito dessas de acordo com os interesses do pesquisador. Assim, optou-se por uma entrevista focalizada, com interação entre entrevistador e depoente, nos seguintes temas:

- Surgimento do jornal (idéia inicial, primeira equipe);
- Administração (equipe, colaboradores, local de trabalho, publicidade, sustentação);
- *Pato Macho* e ditadura militar (censura, repressão e posicionamento do jornal);
- *Pato Macho* e Porto Alegre (percepção da cidade na época);
- *Pato Macho* e imprensa;
- *Pato Macho* e humor;
- Representatividade do *Pato Macho* em sua trajetória como jornalista;
- Fim do jornal.

Nada impediu que, durante a entrevista, surgissem novas problemáticas expostas pelo depoente. Assim, pretendeu-se fazer com que o entrevistado se sentisse livre para falar de sua experiência no jornal e discutir aspectos não abordados por essa estrutura de temas. Desse modo, também suas divagações e lembranças pessoais foram levadas em conta no momento da análise. Neste artigo, selecionamos, para análise, a linha temática que aborda a relação do periódico com a ditadura militar.

Buscar, na lembrança desses profissionais, o contexto e os fatos que delimitaram a trajetória do jornal é mergulhar em um universo de expectativas,



desafios, temores, romantismo, nostalgia, satisfações e frustrações. É enveredar-se por um caminho histórico que, como não poderia deixar de ser, cruza-se, a todo momento, com a existência pessoal de cada um dos depoentes, sendo eles: Ruy Carlos Ostermann<sup>1</sup>, Roberto Pimentel<sup>2</sup>, José Antônio Pinheiro Machado<sup>3</sup>, Luis Fernando Verissimo<sup>4</sup>, Sérgio Alves Rosa<sup>5</sup>, Joaquim da Fonseca<sup>6</sup> e Cláudio Ferlauto<sup>7</sup>. Os relatos serão indicados pelo sobrenome dos entrevistados.

### ***Pato Macho e a ditadura militar***

O regime militar não representou, apenas, um período de forte conservadorismo político, mas, também, um momento de moral e costumes conservadores. O silêncio era imposto aos opositores da ditadura política e da ditadura comportamental, àqueles que buscavam novos estilos de expressão cultural, artística e de vida.

Mesmo com sua atenção voltada muito mais para os costumes da cidade do que, especificamente para o cenário político da época, *Pato Macho* sofreu censura prévia<sup>8</sup>. O motivo: deu-se a liberdade de brincar com o nome de uma senhora da sociedade da época, Aline Faraco, esposa do, então, reitor da UFRGS e cardiologista do presidente Médici. O texto *A senhora*, de autoria de Coi Lopes de Almeida, que já havia tentado mencionar o nome de Aline em outros jornais, sem sucesso, encontra-se publicado na segunda edição de *Pato Macho*.

#### A Senhora:

<sup>1</sup>Entrevista realizada em 10/07/2003, na redação do jornal *Zero Hora*.

<sup>2</sup>Entrevista realizada no dia 15/07/2003, na residência de Roberto Pimentel.

<sup>3</sup>Entrevista realizada em 22/07/2003, no escritório de José Antônio Pinheiro Machado.

<sup>4</sup>Entrevista realizada no dia 26/07/2003, na residência de Luis Fernando Verissimo.

<sup>5</sup>Entrevista realizada no dia 21/08/2003, na residência de Sérgio Alves Rosa.

<sup>6</sup>Entrevista realizada no dia 11/09/2003, no escritório de Joaquim da Fonseca.

<sup>7</sup>Entrevista realizada no dia 27/09/2003, na residência da mãe de Cláudio Ferlauto.

<sup>8</sup>O episódio que desencadeou o processo de censura prévia foi, também, um dos motivos que levaram ao fim do jornal. Isso porque o controle, como ocorreu em outros veículos, refletiu economicamente no *Pato Macho*. Censurado, era mais difícil atrair anunciantes e manter a linha editorial traçada inicialmente. O controle da informação era uma das principais armas do regime contra o jornalismo alternativo e de oposição.

Decididamente não dou sorte com dona Aline Faraco. No tempo do programinha da Zero Hora não conseguia citá-la: Lauro Schirmer encarregava-se de cortar qualquer referência à dita Senhora. Agora, no Pato, que é meio meu, o Luis Fernando Verissimo curtiu uma de censor. Foi só eu botar Aline no meio do Simandol (o fogo que brinca com as pessoas) pra que o risco viesse em forma de 'pô! Ela é amiga da gente lá em casa, pode dar galho...'. Até aí nada de novo, o pior é que em outra referência, o Izidoro, linotipista de Zero Hora, resolveu trocar o n por c e Aline virou Alice. Agora quero ver se não sai: ALINE. Pronto! Estou vingado<sup>9</sup>.

Deste modo, a censura prévia só iniciou no número seguinte, ou seja, no número 3, como recorda Verissimo:

O segundo número tinha uma matéria do Coi Lopes de Almeida que falava mal, falava mal não, mas fazia uma certa gozação com o reitor, Dr. Eduardo Faraco. Então, já no terceiro número, eu fui chamado na Justiça Federal, disseram que [o jornal] teria que ser censurado. Quer dizer, cada vez, antes de gente mandar a matéria para a oficina, tinha dois censores que iam lá para ler todo o material.

Almeida não se absteve de comentar o ocorrido, mesmo que por metáforas, em texto publicado neste primeiro número censurado, sob o título *Silêncio*:

Foi vocês que pediram. Encheram meu saco. Apesar de tudo, este jornal ainda dura três ou quatro números, não que dependa de mim, mas, foram vocês que quiseram assim, e assim vai ser. Não acredito no que sei, apenas sei que o que posso fazer dentro de uma limitação infinita. Eu assistirei cucas fundirem-se. Cérebros desmancharem-se. Vou rir. (...) Não nasci para este mundo, onde o medo transtorna corações e mortifica corpos. Não foi para isso que eu vim. Entrego os pontos, enquanto ainda tenho o que entregar, depois seria tarde demais<sup>10</sup>.

O editorial desta edição ocupou-se, também, do assunto, em texto assinado por *todo mundo*, sob o título *Eles não deixaram o pato assar*:

Na última terça-feira, quando tudo corria normalmente na nossa sede comercial, *Pato Macho* já estava nas bancas, vendendo bem, eis que surge

<sup>9</sup>ALMEIDA, Coi Lopes de. *A senhora*. Pato Macho, Porto Alegre, 21/04/1971, n.2, p.2.

<sup>10</sup>ALMEIDA, Coi Lopes de. *Silêncio*. Pato Macho, Porto Alegre, 28/04/1971, n.3, p.8.

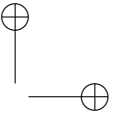
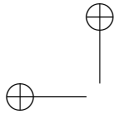
“aquela” fumaceira, invadindo nossos aposentos. Lembrei meu indefectível avô, que dizia sempre: Onde há fumaça, há fogo. (...) Mas, aconteceu que o negócio era papo firme, era fogo mesmo. O Pato corria o risco de ser assado ingloriamente, para tristeza de muitos e alegria de uns poucos<sup>11</sup>.

Rosa explica que a censura, no Rio Grande do Sul, não era um processo militarizado. “Quer dizer, era um negócio usado firmemente, mas não eram os milicos que faziam isto aqui, eram os funcionários burocratas”, explica. Segundo ele, o censor lia o jornal, ria muito das matérias, porém, dizia: “Está muito engraçado, mas não pode sair!”.

Ele era um cara bem vestido, um funcionário da Polícia Federal que ganhava rios de dinheiro. Não era criança, devia ser um funcionário no final de carreira. Então, ele tinha um altíssimo padrão de vida, tinha uma casa lá em Petrópolis, perto da casa do Luis Fernando. Algumas vezes, ele foi no escritório para ler o jornal antes de ser impresso. Outras vezes, a gente mandava para ele na Polícia Federal, mesmo. E, algumas vezes, nós fomos levar na casa dele. Normalmente era o Ferlauto que se encarregava disso aí. Eu tinha, mas, acho que já se perdeu, um *past up*, uma página montada e censurada do Pato, do último ou penúltimo número. Uma que fala sobre os serviços sobre o centro da cidade de Porto Alegre e tinha o serviço de mictórios. Era uma matéria que dizia onde se podia mijar no centro. Acho que saiu um pedaço da matéria, não me lembro bem. Mas, uma parte foi cortada. Assim como aconteceu com várias outras matérias. Algumas foram mais controladas, outras menos. A coluna do Coi era muito controlada, porque foi o motivo da censura.

Pinheiro Machado também recorda o episódio: “Uma vez nós fizemos uma brincadeira que era o roteiro dos banheiros do centro da cidade. Bah, tem que ver o que eles riscaram, quase não saiu aquela matéria”. O referido texto foi publicado no *Pato Macho* número 15, na página 15. Faz parte da seção Serviço, que, neste número, ocupa 8 páginas. Serviço é o gênero narrativo mais utilizado no jornal, em textos carregados de opinião. A matéria sobre os mictórios segue esta linha. Na verdade, é uma grande brincadeira que fala das condições de alguns banheiros públicos da cidade, qual é o mais limpo, qual não dá para entrar, etc. Em seu sexto número, o jornal explica a razão de ser da seção *Serviço Geral da Província*:

<sup>11</sup>*Eles não deixaram o pato assar*, Pato Macho, Porto Alegre, 30/06/1971, Editorial, n.3, p.22.



O PATO MACHO QUER QUE TODOS SAIBAM TUDO

uma comunidade

aldeia global

província total?

Queremos que vocês possam gritar aos 4 ventos que **estão por dentro**, ou que não sabem das coisas por livre e espontânea...<sup>12</sup>

Todo o material do *Pato Macho*, de acordo com Pinheiro Machado, era levado para análise do censor:

Eu tinha que levar [o jornal] na Polícia Federal para ser submetido à censura e era uma censura absolutamente implacável, para nos destruir. Foi um momento muito difícil da cena brasileira.

(...)

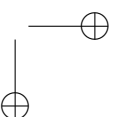
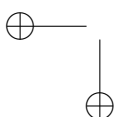
A gente tinha que substituir tudo. (...) É que eu vivi, eu fui, eu era o editor. Eu levava, na época, o *past up*, onde a gente montava todo o jornal, não tinha o computador para fazer essas coisas... (...) E, então eu me lembro que eu chegava com o *past up*, quando o *past up* estava pronto para ser fotografado, então, o *past up* era fotografado, a gente levava ele e os caras mexiam ali. Então, a gente tinha que mudar, às vezes, as matérias. Cortavam coisas, que eles achavam... Coisas assim como, eu me lembro, uma vez, uma colaboradora nossa escreveu um negócio sobre bruxaria, mas o texto caiu. Eles tiraram porque disseram que o texto era uma alusão ao governo, era uma metáfora e tal. E foi uma idiotice, pois não tinha ligação nenhuma. Como era uma coisa de inconformismo, tudo o que eles podiam, eles tocavam, firme, o ferro na gente.

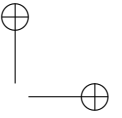
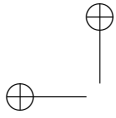
Ele recorda, também, de um desenho, uma ilustração de duas mulheres, que teria sido cortada.

Elas estavam de vestido e com os seios [a mostra], mas era um bico de pena, um desenho, uma coisa que não tinha nada a ver. Aí, o cara pegou e riscou por cima. E era o original do desenho! Eu disse: Pô, vem cá, cara, tu estás destruindo! E ele disse: Isso aqui tem que destruir, isso aqui é uma coisa obscena!

Ostermann ressalta o caráter moralista da censura:

<sup>12</sup>Pato Macho, Porto Alegre, 19/05/1971, n.6, p.11.





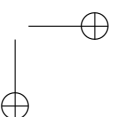
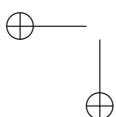
Várias vezes nós fomos censurados ou se colocou essa censura prévia, em cima de iniciativas que havíamos tomado, algumas até de mau gosto, eventualmente... Porque, também, a censura era muito moralista. Muito moralista. Não era só política. Absolutamente, não. Ou cultural. Ela era, também, muito moralista. Tinha um viés conservador. Pretendia sempre a reprodução de fatos sobre os quais recaísse um grande orgulho, uma grande satisfação... Mas, na verdade, eram umas coisas, assim, piegas, sem sentido. E, aí, a gente entrava. E, algumas vezes, a gente entrava meio pesado e, às vezes, se dava mal.

De acordo com Verissimo, apesar de serem simpáticos e desculparem-se o tempo todo por terem de cumprir aquele papel, os censores não deixavam passar nada que criticasse o governo ou personalidades locais.

Então, o jornal ficou meio sem graça, porque não podia fazer aquilo que pretendia fazer, era censurado. Não sei se foi exatamente isso que causou o fim do jornal, mas certamente contribuiu, porque tinha que se controlar, em certos assuntos não se podia tocar. Então, ele ficou um pouco sem graça. Qualquer assunto que eles [censores] achavam que não podia sair, era cortado. Na verdade, eles não cortavam muita coisa, porque a gente, também, passou a se policiar muito para não criar problemas, para não atrasar a impressão do jornal. Porque se eles cortassem alguma coisa tinha que refazer ou tinha que fazer coisas novas. E, às vezes, estava em cima da hora de mandar para a oficina.

A autocensura tornava-se, então, uma ferramenta de trabalho do *Pato Macho*. Não por vontade de sua equipe, mas por imposição do regime. Para evitar os cortes, as próprias idéias tinham de ser reprimidas, em uma espécie de autofagia, que aos poucos ia minando o motivo principal da existência do alternativo: servir como um espaço onde se pudesse publicar coisas proibidas de circular na grande imprensa. E esse processo não era exclusividade do *Pato Macho*. Muitos outros jornais, alternativos ou não, desse período, lançaram mão da autocensura para continuarem seu trabalho. Conforme Verissimo:

Antes de mandar para a gráfica e mostrar para os censores, quando a gente tinha um espaço aberto, a gente fazia um desenho ou escrevia um texto, em cima mesmo das páginas que iam para a gráfica. Algumas coisas foram cortadas [pelos censores], mas a gente se policiava muito. Não tinha muito para cortar. Além das óbvias referências políticas que não podiam ser feitas,





em termos de costumes e pessoas, acho que não. O Coi, por exemplo, nunca mais pôde falar no reitor, na mulher do reitor, justamente para evitar problemas. Quando os censores cortavam qualquer coisa era um problema. Atrasava o material para a oficina, era difícil. A gente tentava evitar isso.

Sobre política, por exemplo, o jornal não falava, afirma Fonseca. "Ele falava em fofoca, em coisas leves, mais da sociedade", diz, acrescentando que o jornal não podia imprimir um pensamento político, pois isso não seria aceito. "Então, ele usava de uma forma irônica de encarar uma situação com a qual os participantes do jornal, pelo menos, não eram coniventes, não estavam satisfeitos", completa.

Ferlauto não lembra de uma atuação tão incisiva por parte dos censores. Para ele, o controle restringia-se ao nome de Aline Faraco.

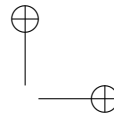
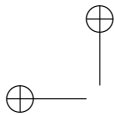
O censor olhava tudo e dizia: "Puxa vida, mas vamos tirar o nome da dona Aline Faraco!". Então, se tornava uma coisa muito óbvia. Ele até se divertia com o jornal, acho, mas nunca uma coisa que tinha a ver com o conteúdo necessariamente. Óbvio que tinha a ver porque era... mas não tinha a importância porque ele era irrelevante, pequeno, localizado, extremamente localizado. Mas, isso representa o tipo de obscurantismo que a ditadura tinha em relação a todas as coisas.

Pimentel concorda com Ferlauto, e acrescenta:

... era o chefe da censura. Mas, ele era divertidíssimo, era mais divertido do que nós. Ele lia e achava tudo gozado, maravilhoso, nunca nos torrou o saco. Mas tinha que ter censura. Tinha que ler e dizer: "Está certo, pode ser editado!". Porque o *Pato Macho* era no auge da ditadura do Médici. Mas, o *Pato Macho* era completamente festivo, era o protótipo da esquerda festiva, de gente rica e intelectual, que entrava na noite. Era o Leblon do Rio de Janeiro com a gurizada da Independência.

(...)

Quando o censor ia, era uma festa para ele, que tomava uns porres maravilhosos, era íntimo amigo meu, mas, não me lembro do nome dele. Da figura, lembro direitinho: de óculos, aqueles burocratas, assim, meio perdidos, que era da Arena, provavelmente. Ele lia, dizia que estava certo, não tirava nada, nunca houve briga. Ele se dava intimamente conosco. Ele ia onde ia sair o jornal [nas agências ou casas dos colaboradores]. Por exemplo, ele pegava, vamos dizer, o número zero daquela edição, lia e assinava: nada a censurar. Nunca teve um envolvimento maior. O pessoal fazia muito



discurso contra a ditadura, mas, efetivamente contra o *Pato Macho*, assim, poderia ter sido muito pior, mas, não foi.

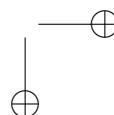
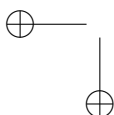
O personagem Fioravante<sup>13</sup>, de Fonseca, reflete bastante esta característica festiva que, segundo seu autor, revela, também, um pouco do próprio jornal.

O personagem Fioravante era um personagem da época. Era a época dos *hippies*, foi a época do *Woodstock* e a minha idéia era criar um contestador que fosse tão irônico quanto o próprio jornal, que era contestador, mas não muito. Era, mais ou menos, como eu era na época: ligado com aquelas coisas que estavam acontecendo, mas sem muita coragem de assumir. Eu acho que ele é um pouco o retrato da juventude daquela época. Não digo que ele seja um modelo, mas isso era muito comum. As pessoas se engajavam no que estava acontecendo, mas sem muitos meios e muita coragem de fazer isso. A coisa mais engraçada que a gente via, por exemplo, nos ônibus que chegavam da periferia de Porto Alegre, era o pessoal que vinha para trabalhar com os cabelos compridos, de calça Lee, de tênis, como os *hippies* se vestiam na época, até os Beatles, aquele modelo, as costeletas... E eram pessoas que iam trabalhar no banco, em alguma loja ou em outra coisa que não tinha nada a ver com aquilo. Mas aquilo era bonito, era legal, era da moda.

O *Pato Macho*, segundo Ferlauto, era um jornal de esquerda. "Mas não era aquela esquerda dogmática", afirma, lembrando que a maior parte da equipe não tinha vinculação partidária:

Eu não sei da participação de ninguém em partido político, provavelmente existia, mas não era colocado. A gente brincava que era a Fera (Festiva Radical Anarquista), porque a nossa sede era no Encouraçado Butikin. Então, lógico todo mundo era de esquerda, todo mundo tinha seus compromettimentos. Mas, o jornal não se propunha a fazer a posição que outros jornais, na época, faziam, como Coojornal fazia explicitamente ou os jornais dos partidos faziam explicitamente. A gente fazia mais para bagunçar, na verdade. Ninguém era alienado da situação, nem tampouco de direita. Só que o jornal não tinha esta bandeira, a bandeira, na verdade, era um pouco a

<sup>13</sup>Fioravante é um personagem criado por Joaquim da Fonseca para representar o jovem da época. Membro da esquerda festiva, está presente em diversas charges do autor publicadas pelo *Pato Macho*.



galhofa, um pouco esta coisa crítica que tem a ver com a posição política de tentar arranjar um espaço de expressão que tinha sido cortado em todas as outras circunstâncias da vida, não só na imprensa, como na universidade, enfim, em todos os outros lugares. Ali a gente podia pirar um pouco, fazer o que imaginava que poderia fazer, ou que estaria fazendo, se não houvesse a revolução.

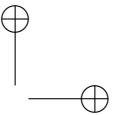
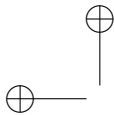
Neste sentido, *Pato Macho* filia-se à vertente existencialista do jornalismo alternativo, como definida por Kucinski (1992). De modo geral, esta vertente não ligava para ideologias, o que contava era a experiência vivida. *O Pasquim*, em sua fase inicial, ligou-se, também, a esta vertente e inspirou o surgimento de outros jornais de contracultura no país. *Pato Macho*, claramente inspirado no carioca, chegando a ser chamado de *O Pasquim Gaúcho*, era semelhante a ele, também, nesta tendência existencialista.

Pinheiro Machado concorda que o motivo da censura ao *Pato Macho* não era o fato de ele ser de esquerda. "Era uma perseguição política, no sentido mais amplo. Não só porque tínhamos uma posição, todos ali tinham uma posição politicamente contrária, mas, pelo sentido de uma política ampla, de que éramos favoráveis a novos costumes, à modernização da sociedade, a novos tempos". Segundo ele, a censura era uma coisa reacionária, era contra a inovação, de um modo geral. A perseguição ao *Pato Macho* deu-se muito neste sentido.

A posição contrária ao regime militar era, certamente, comum a todos os integrantes do jornal, como expõe Rosa:

Nisso, havia um posicionamento muito claro: milico era quem ficava no quartel! Tivemos amigos nossos que foram torturados, muitos caras se exilaram, estavam no Chile, na ocasião, na Argentina. Enfim, tinha um monte de conhecidos nossos nesta situação. E a gente não era inocente sobre o que estava acontecendo, de maneira alguma. O Pato era uma maneira, para alguns de nós, de agitar o marasmo imposto por esta situação de fechamento.

Apesar de todas as dificuldades, o objetivo do jornal, para Ostermann, era responder, de forma crítica e bem-humorada, ao contexto de autoritarismo vigente no período: "A nossa proposta era justamente enfrentar essa circunstância policial militar que tínhamos e que foi instalada no país, sobretudo, nos meios de comunicação, com o AI-5, que realmente restringia e criava a censura prévia". Para ele, o jornal foi um ato de liberdade.



Naquele período, estávamos represados. E o *Pato Macho* representava um gesto, assim, de liberdade. Era assim que nós o entendíamos. O grupo se expressou pelo *Pato Macho*. Tu não tinhas como fazer isso sob as formas convencionais nos outros meios de comunicação. E as formas convencionais, naquele período, eram muito restritivas. Eram muito acanhadas, até. Então, o *Pato Macho* era um ato de liberdade. A rigor, a gente podia escrever sobre o que quisesse. E isso é fantástico para um jornalista, dava liberdade para ele escrever. Então, a maioria se expressou ali de uma forma nítida, forte e original. No sentido de original e de originária. Era original porque muito bem feita e originária porque deu origem a uma série de trajetórias pessoais no jornalismo gaúcho.

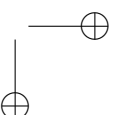
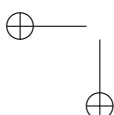
## Conclusão

Uma história sem registro. Fora os exemplares ainda disponíveis de *Pato Macho*, pouco se sabia sobre a realidade desse que foi um dos alternativos sul-rio-grandenses mais comentados, não só no período em que circulou, mas, também, nos anos que se seguiram.

A realidade de *Pato Macho*, longe de ser encontrada nos papéis, está na memória de cada um dos jornalistas que tomaram parte nessa aventura. Por esse motivo, a história oral apresenta-se como um relevante instrumento de pesquisa.

## Referências bibliográficas

- ALBIN, Ricardo Cravo. *Driblando a censura – De como o cutelo vil incidiu na cultura*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.
- CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de massa sem massa*. Porto Alegre: Summus, 1986.
- CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa – Jornalismo de oposição e renovação*. São Paulo: Ática, 1995.
- COTTA, Pery. *Calandra – O sufoco da imprensa nos anos de chumbo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.



- DEBÉRTOLIS, Karen Silvia. *Brasil Mulher: Joana Lopes e a imprensa alternativa feminista*. 131p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- FONSECA, Joaquim da. *Caricatura – A imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1999.
- GASPARI, Élio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HABERT, Nadine. *A década de 70 – Apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. São Paulo: Ática, 1992.
- JORGE, Fernando. *Cale a boca, jornalista!:* O ódio e a fúria dos mandões contra a imprensa brasileira. Petrópolis: Vozes, 1987.
- KOHUT, Karl (ed.). *Palavra e poder – Os intelectuais na sociedade brasileira*. Frankfurt: Aey, 1991.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1992.
- \_\_\_\_\_. Do discurso da ditadura à ditadura do discurso. *Cadernos Diplô*, p.46-49, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A síndrome da antena parabólica*. São Paulo: Fundação Percecu Abramo, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- MARCONI, Paolo. *A censura política na imprensa brasileira – 1968-1978*. São Paulo: Global, 1980.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MENDONÇA, Sonia Regina de; FONTES, Virgínia Maria. *História do Brasil recente – 1964-1980*. São Paulo: Ática, 1988.

- OLIVEIRA, Cassiano Francisco Scherner de. *Utopia e desencanto: Trajetória de vida e rememoração na imprensa alternativa gaúcha*. Porto Alegre, 2000. Mimeo.
- RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1961.
- ROSA, Susel Oliveira da. *Exemplar, Pato Macho e Coojornal: Trajetórias alternativas*. 188p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- THOMPSON, Alistair. *Desconstruindo a memória: Questões sobre as relações da História Oral e da recordação*. Trabalho apresentado na Conferência Brasileira de História Oral, em outubro de 1995. Mimeo.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.